

O LIVRO DOS RESTOS

AUGUSTO LA FERE



ARS VERBI

O LIVRO DOS RESTOS

AUGUSTO LA FERE

O LIVRO DOS RESTOS

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

O Livro dos Restos

© 2025 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*™

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988751-7-6

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Internacional. É permitido compartilhar e adaptar — incluindo traduções e derivações — desde que:

- seja atribuída a autoria;
- não haja uso comercial;
- qualquer obra derivada seja publicada sob a mesma licença.

Mais detalhes em:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

<https://arsverbi.com.br>

Dedicatória

A tudo o que sobra antes de ser.

"Nada se completa.
Tudo começa resto."

Sumário

1 - PRIMEIRA MATÉRIA.....	2
2 - SUPERFÍCIES INCOMPLETAS.....	12
3 - SUSPENSÕES.....	25
4 - REFLUXOS.....	38
5 - MEMÓRIAS INCOMPLETAS.....	53
6 - LUMINOSIDADES FRACAS.....	68
7 - ÚLTIMOS RESTOS.....	83
Anexo - ONTOLOGIA DOS RESTOS.....	98

Prólogo

RESTOS

A aparição
chega sempre marcada
pelo excesso
que a atravessou.

O que surge
carrega um sinal antigo,
uma vibração herdada
de um acontecimento
que deixou luz e cansaço.

A primeira matéria
é feita desse resto:
camada que se adensa
sem pedir origem.

Tudo o que existe
repete essa condição.

O resto
é o primeiro estado.

Parte I

PRIMEIRA MATÉRIA

1. Matéria Rasa

A matéria
se espalha
no plano mínimo
que herdou.

Ali,
um ritmo fraco
continua pulsando
mesmo depois
do acontecimento.

É nesse espalhamento
que o nome,
quando vier,
encontrará o seu lugar.

2. A Espessura Inicial

A espessura
se adensa
com a memória
do que a atravessou.

Cada relevo
guarda o contorno
de uma força extinta,
repetindo seu eco
em profundidade baixa.

Avança
como quem continua
a se lembrar.

3. Película Breve

A superfície
conserva um tremor
de antiga passagem.

Essa película fraca
retém o calor extinto,
mantendo sobre si
a vibração herdada
do toque que se foi.

É assim
que o contato
permanece.

4. Traço Sem Origem

Um traço
elege o espaço
como lugar
de sua continuidade.

A direção gasta
que ele sustenta
vem de longe:
é o resto
de um movimento
que persistiu
além do gesto.

O traço
é o próprio caminho
que permanece.

5. Densidade Fraca

A densidade
reúne em si
a sobra mínima
de uma presença antiga.

O acúmulo
cresce
por pura continuidade
de uma energia passada,
como quem respira
o último fôlego de luz.

É nessa sobra
que algo permanece.

6. O Que Aflora

O afloramento
surge
como testemunho
de uma força extinta
que ainda irradia.

Sua superfície
carrega um último pulso,
uma claridade
dilatada pela memória.

A flor do resto
é essa luz final
que se mantém.

7. A Primeira Interrupção

A interrupção
estende o fim
do movimento antigo.

O gesto cessado
se continua
como ressonância:
um prolongamento fraco
que ecoa
em todas as camadas.

O término
tem seu próprio rastro.

8. O Estado Antes do Nome

Antes do nome,
há uma vibração
que não busca definição.

Ela se sustém
na própria permanência,
envolvendo o espaço
com o ritmo herdado
de outras durações.

O nome,
quando chegar,
apenas tocará
o que já existia.

Aparte

A MATÉRIA QUE FALHA

A falha
é o modo
como a matéria
continua.

O gesto extinto
deixou um caminho
que ainda se espalha
por dentro do mundo.

O resto
não responde:
persiste.

Parte II

SUPERFÍCIES INCOMPLETAS

9. Superfície Inconclusa

A superfície
se estende
com o deslizamento herdado
da força antiga.

O plano inteiro
respira essa passagem,
como se mantivesse
a extensão aberta
para acolher
o que ficou.

10. Camada Instável

A camada
organiza em si
a instabilidade guardada
dos contatos extintos.

Cada porção
é um vestígio
que se acumula
em profundidade lenta,

como se a matéria
ainda vibrasse
com o que a tocou.

11. Deriva Lenta

A deriva
move-se
pela memória do impulso
que a atravessou.

Sua lentidão
é ritmo herdado,
resíduo de deslocamento
que segue avançando
em baixa intensidade.

12. Estrutura Parcial

A estrutura
cresce em direção
ao que a excedeu.

Seu contorno
é feito
de restos superpostos,

uma arquitetura
que repete
os limites passados
em novas camadas.

13. A Descontinuidade

A superfície
acolhe cortes antigos
como parte
de sua matéria.

A passagem
de cada atrito
permanecida ali
forma a textura residual
do que se repetiu.

14. Linhas Falhadas

As linhas
conservam o traço
do percurso extinto.

Cada falha
é continuidade
do esforço antigo
que ainda pulsa
como matéria nova.

15. Mínima Abertura

A abertura
guarda o espaço cedido
por uma força anterior.

Esse intervalo
respira
como dobra herdada,
mantendo viva
a memória do gesto
que a expandiu.

16. Desnível

O desnível
se forma
a partir do arrasto
que moldou o plano.

Sua inclinação
é a inscrição
da passagem antiga
em estado permanente.

17. Fenda Breve

A fenda
carrega o sinal
do corte antigo.

Sua brevidade
é espessura suficiente
para guardar
o eco firme
da abertura original.

18. A Suspensão do Plano

O plano
sustém a vibração
do impacto extinto.

Sua suspensão
é a duração
dessa memória:
um instante expandido
que continua
em profundidade quieta.

Fragmento

LINHA INTERROMPIDA

Ficou o segmento
como testemunho
da direção extinta.

É o trecho visível
do percurso herdado
que ainda irradia.

Fragmento

RESTOS DE UMA FORMA

Permaneceu o contorno
em sua pressão fraca,

armazenando
a última vibração
da forma
que se dissipou.

Parte III
SUSPENSÕES

19. Suspensão

A suspensão
é o prolongamento
do impacto extinto.

Sua permanência
carrega peso herdado,
espalhando-o
no ar quieto.

20. Ar Rarefeito

O ar
acolhe o deslocamento
de passagens antigas.

Cada camada
respira o tremor
que sobreviveu ao gesto,
mantendo-se leve
e cheia de memória.

21. O Que Paira

Pairar
é durar
com o impulso antigo.

O movimento
continua
em profundidade lenta,
estendido sobre si mesmo.

22. Quase-Som

O quase-som
é vibração herdada.

Ele percorre
o espaço inteiro
como resíduo
de uma voz extinta,
ampliando-se
em brilho fraco.

23. A Respiração Interrompida

A respiração
deixou um ritmo
no ar.

Esse ritmo
se espalha
como pulsação fraca
que continua
a ser ar.

24. O Intervalo

O intervalo
é uma duração
feita de passagens superpostas.

Ele guarda
o tempo antigo
que demorou
a se fechar.

25. Tensão Rala

A tensão
se estende
como memória física
do esforço extinto.

Ela vibra
no espaço
que recebeu
sua última força.

26. Luz Suspensa

A luz
permanece
com o brilho herdado.

Sua suspensão
é presença fina
de um instante
que se expandiu
para durar.

27. Instante Retido

O instante
conserva o impulso
de sua queda.

Sua retenção
é sobrevida
de uma energia
que encontrou
espaço para ficar.

28. O Fundo que Cede Pouco

O fundo
acolhe
a resistência herdada
dos choques antigos.

Sua firmeza
guarda a memória
do impacto,

permitindo
que o resto
se mantenha.

Interstício

CAMPO DE DURAÇÃO

Entre as suspensões,
há um campo
onde a matéria
continua a se mover
pela força herdada
de instantes antigos.

Essa continuidade
não amplia o gesto,
nem o repete:
alonga o que ficou,
espalhando seu brilho fraco
por camadas lentas.

O espaço inteiro
respira essa duração,
como se cada superfície
guardasse o ritmo profundo
de passagens antigas
que seguem irradiando.

Ali,
a suspensão
se inclina,
se desdobra,
se arrasta por dentro,

abrindo um lugar
onde a permanência
ganha volume,
peso,
profundidade.

Desse movimento
surge outra forma
de existir:

a duração acumulada
que sustém
o resto.

Parte IV
REFLUXOS

29. Refluxo Inicial

O refluxo
surge como expansão lenta
de uma força antiga
que não se extinguiu.

Sua aproximação
é um retorno contínuo,
uma camada que volta
a respirar no espaço
com o impulso herdado
do acontecimento.

30. Círculo de Retorno

O retorno
surge
da vibração guardada.

A matéria
recebe o pulso
e o espessa,

formando o círculo
que continua
por dentro.

31. Ciclo Baixo

O ciclo
move-se em baixa intensidade,
repetindo por dentro
a expansão antiga.

Cada retorno
aprofundado
é uma dobra
que se reacende
na duração
que o conserva.

32. O Eco do Peso

O peso guardado
encontra passagem
para retornar.

Esse eco
se espalha
por camadas densas,
ampliando o campo
onde a energia antiga
ainda respira.

O retorno
é a memória física
do impacto.

33. Refluxo das Camadas

As camadas
se movem
como quem devolve
a sobra que carregou.

O refluxo
é o reencontro
entre profundidades herdadas
e superfícies abertas,

uma troca lenta
que prolonga
a permanência.

34. Movimento Residual

O movimento residual
cresce na região
onde o impacto
se acumulou.

A cada retorno,
a matéria
se inclina novamente
sobre o impulso antigo,

criando um gesto
que se repete
pela própria duração.

35. Influxo Tardio

Um influxo tardio
percorre o interior
das formas frágeis.

Ele atravessa
as camadas gastas
com brilho baixo,
reacendendo o trajeto
que ali se conservou.

O tardio
é o instante expandido
que retorna.

36. O Dobrado

O dobrado
é a região
onde o refluxo
se acumula.

A dobra,
carregada de espessura,
cresce para dentro,
devolvendo ao espaço
a força herdada
que insiste
em permanecer.

É o ponto
onde o mundo
respira duas vezes.

37. Retornos Múltiplos

Os retornos múltiplos
avançam em camadas,
cada qual trazendo
seu próprio ritmo herdado.

Quando se encontram,
formam um corpo lento,
feito de vibrações
que se sobrepõem
em novas durações.

O múltiplo
é o modo
como o resto cresce.

38. O Refluxo Final

O refluxo final
não encerra o ciclo:
alarga-o.

Ele se espalha
pelo plano inteiro,
prolongando
a luz fraca
que conservou.

O final
é apenas
o retorno
em profundidade maior.

Fragmento

RETORNO FENDIDO

Ficou uma porção
que a matéria
trouxe de volta
com brilho baixo.

É o fragmento
onde o refluxo
se concentra,

uma fenda curta
que contém
a memória física
do impulso antigo.

Nessa porção,
o retorno
ganha densidade,

como se o gesto extinto
guardasse ali
sua última rotação.

Aparte

O PULSO QUE VOLTA

O retorno
traz consigo
um pulso antigo
que ainda respira.

Esse pulso
não repete o gesto:
aprofunda-o
é seu modo
de existir.

Por isso,
todo refluxo
cresce para dentro,
prolongando a força
que o formou.

A matéria
continua
porque encontrou
na própria duração
o campo
do seu retorno.

Interstício

ZONA DE ACÚMULO

Entre os refluxos,
há uma região
onde a duração
ganha corpo.

As camadas
que retornaram
se encontram ali,
tocando-se
em profundidade lenta,

cada uma trazendo
a vibração
que conservou.

Nesse encontro,
a matéria cresce
em direção interna,
como se o tempo antigo
se condensasse
em novas espessuras.

É um campo
feito de sobreposição:
as passagens guardadas
se alinham,
se atravessam,
se iluminam
com brilho baixo.

A soma
não busca forma:
apenas respira
a continuidade
do que permaneceu.

Ali,
a memória
é matéria densa,
matéria viva,
matéria acumulada,

e o resto
encontra
o lugar
de seu retorno profundo.

Parte V

MEMÓRIAS INCOMPLETAS

39. A Camada Guardada

A camada
retém o que recebeu.

Cada ponto
é vibração antiga
que se espalhou
pela espessura fraca.

Essa guarda
não é escolha:
é a forma
como o tempo
permanece.

40. Vestígio Lento

O vestígio
se expande
em ritmo baixo,

como se a passagem
que o formou
ainda respirasse
por dentro.

Ele cresce
na direção
daquilo
que deixou luz.

41. Rastro Antigo

O rastro
contém
a força consumida
de um gesto antigo.

Sua presença
é um brilho raso
que se prolonga
pela superfície,

como se a matéria
ainda sentisse
o calor
de antes.

42. Memória Tênu

A memória tênue
repousa sem intenção.

Ela se sustém
na vibração
herdada do instante,

ocupando o espaço
com luz fraca
e continuidade baixa.

É o corpo mínimo
do que ficou.

43. Remanescência

A remanescência
se curva
sobre suas próprias
camadas.

Ali,
cada passagem guardada
encontra outra,
e juntas
espessam o plano
como se fossem
uma única duração.

44. O Guardado

O guardado
é o lugar
onde a matéria
instala o eco
das forças extintas.

Esse eco
não retorna:
ele cresce
em profundidade
até tornar-se
espessura.

45. Memória Rasa

A memória rasa
é superfície viva
do que passou.

Ela carrega
a claridade antiga,
estendida
sobre o plano,

como se o gesto
tivesse deixado ali
seu primeiro
e último brilho.

46. A Luz Herdada

A luz herdada
circula
em vibração quieta,

tocando as bordas
da matéria
com o restante
de sua energia.

Essa circulação
dura
porque encontrou
onde ficar.

47. Camadas de Tempo

O tempo
se acumulou
por camadas,

cada uma trazendo
a memória fraca
do instante
que a formou.

Essas camadas
respiram juntas,
criando um corpo lento
feito apenas
do que permaneceu.

48. O Peso da Memória

O peso
da memória
não é carga:
é consistência.

Ele se instala
na matéria
com firmeza baixa,
como se a duração antiga
ainda buscasse
um lugar
para se acomodar.

Assim,
o resto
ganha corpo.

Aparte

O CORPO DA MEMÓRIA

A memória
não se forma:
se instala.

Cada camada guardada
cresce sobre a anterior,
não para repetir o instante,
mas para prolongar
a vibração
que ele deixou.

Por isso,
todo resto
é corpo de memória,

uma presença
que respira
com a luz herdada
de seus próprios
movimentos antigos.

Fragmento

RASTRO DE DURAÇÃO

Uma pequena porção
ficou presa
na dobra da matéria.

Ali,
a duração antiga
ainda pulsa
com brilho baixo,
como se o instante
tivesse deixado
seu contorno
para trás.

É o fragmento
onde a memória
se espessa.

Interstício

LÂMINA DE TEMPO

Entre as memórias,
há uma lâmina de tempo
que se estende
no interior da matéria.

Essa lâmina
não separa:
alinha.

A duração guardada
das passagens antigas
se deposita ali,
camada sobre camada,

criando uma superfície
onde a vibração fraca
se distribui
por todo o corpo residual.

A lâmina
cresce para dentro,
como se fosse
um espaço próprio
da memória física,

uma região
em que o tempo herdado
continua
a respirar.

Parte VI

LUMINOSIDADES FRACAS

49. Claridade Rasa

A claridade
se espalha
pela superfície

como resíduo
do instante
que a acendeu.

Ela não cresce:
respira baixo,

aberta
sobre a matéria
como primeira luz
prolongada.

50. Brilho Herdado

O brilho herdado
circula lento
entre as camadas.

Ele se move
pela energia antiga
que ali ficou,

tocando o espaço
com um calor fraco
que ainda encontra
onde permanecer.

51. Luz Fraca

A luz fraca
não busca forma.

Ela se distribui
no ar quieto,

espessando o vazio
com a vibração
que recebeu
do gesto extinto.

Essa presença
é sua própria
duração.

52. Fosforescência

A fosforescência
se acende
a partir da sobra.

É o pulso fino
da matéria guardada,

um brilho
que se ergue
por dentro,

carregando
a memória fraca
da energia
que a atravessou.

53. Lumem de Resto

O lumem de resto
se irradia
em círculos baixos.

Cada círculo
repete a força antiga
que ali se dissipou,

fazendo da luz
uma continuidade
quieta
do acontecimento.

54. Lâmina Clara

A lâmina clara
corta o espaço
com vibração lenta.

Sua passagem
espelha
o último brilho
que a gerou,

criando um plano
onde a matéria
se ilumina
por memória.

55. Luz Interna

Dentro da matéria,
a luz interna
permanece.

Ela se move
como sopro fino,

atravessando camadas
que guardam
sua temperatura antiga.

Essa luz
é profundidade
em estado aberto.

56. Cintilação Baixa

A cintilação baixa
cresce
sobre o que ficou.

Seu brilho
não busca altura:
desce,

aproximando-se
das superfícies,

como se a luz
recordasse
o caminho
que percorreu.

57. O Brilho do Tempo

O tempo
brilha
por dentro da matéria.

Esse brilho
não ilumina o mundo:
sustém
o próprio corpo residual
que respira
dentro dele.

A matéria
carrega
sua claridade.

58. A Luz Expandida

A luz expandida
não avança,
não se ergue,
não alcança:
ela se expande.

Expande
de dentro,
como consequência
da energia guardada

que encontrou
no resto
sua permanência.

Fragmento

CÍRCULO RASO

Permaneceu um círculo
de luz baixa

em cuja borda
a matéria
ainda respira
o brilho herdado.

É uma forma mínima,
dilatada
pelo calor antigo,

como se o instante
tivesse deixado ali
seu último
movimento de luz.

Aparte

A LUZ QUE INSISTE

A luz fraca
encontra na matéria
o lugar
de sua insistência.

Ela se move
por camadas lentas,

não para revelar,
mas para permanecer
como claridade herdada
do gesto extinto.

Por isso,
cada brilho
se espalha
em profundidade baixa,

como se o resto
guardasse em si
a memória
da própria luz.

Interstício

CAMPO DE CLARIDADE

Entre as luminosidades,
existe um campo
onde o brilho fraco
se condensa.

As vibrações antigas
se alinham ali,
criando uma presença
que cresce
em direção interna.

Essa claridade
não busca centro:
se distribui

pelas superfícies,
pelas camadas,
pelas bordas do tempo,

prolongando
a energia guardada
do acontecimento.

No campo de claridade,
a luz
se organiza em silêncio,

como se cada pulso
encontrasse
o espaço exato
de sua permanência.

Parte VII

ÚLTIMOS RESTOS

59. Resto Firme

O resto firme
se deposita
na base da matéria.

Ali,
a duração antiga
ganha densidade,

como se o tempo
encontrasse
seu ponto
mais baixo.

60. Final de Espessura

A espessura
chega ao limite
de sua guarda.

O que permanece
é o escuro leve
da matéria antiga,

respirando
com o brilho
que recebeu.

61. A Última Camada

A última camada
se forma
pela soma lenta
das vibrações herdadas.

Cada traço
ali contido
é corpo
do que insistiu
em existir.

62. Resto Encostado

O resto encostado
se apoia
na superfície baixa

como quem
encontrou
o lugar
de sua duração.

Sua presença
é quietude
em estado espesso.

63. Depois da Luz

Depois da luz,
a matéria
ainda guarda
seu calor raso.

Essa guarda
se estende
como brilho interno,

fazendo do escuro
uma forma
de claridade antiga.

64. Rastro Último

O rastro último
se dobra
sobre si,

conservando
a passagem fraca
que recebeu.

Sua curva
é a memória
do gesto extinto
em repouso firme.

65. Duração Baixa

A duração baixa
resiste
em profundidade lenta.

É o tempo
espesso,
sem avanço,

respirando
no interior
da matéria.

66. Residual

O residual
é presença plena:

uma vibração
prolongada,

espalhada
pelas camadas
que se formaram
a partir do impacto.

O mundo
retém esse sopro.

67. Resto Expandido

O resto expandido
cresce
para dentro,

ocupando
cada dobra
com a energia guardada
de antes.

Esse crescimento
é luz fraca
em corpo contínuo.

68. O Último Estado

O último estado
é a permanência
aberta.

Não busca fim,
nem espera forma:
se estende
como campo
de duração pura,

onde tudo o que ficou
encontra repouso
e brilho.

Epílogo

A MATÉRIA DO QUE PERMANECE

A matéria
alcança
seu estado último
quando já não precisa
conservar forma,
movimento
ou brilho.

O que resta,
aqui,
é a duração
em profundidade,

a vibração
que encontrou
na própria espessura
o lugar suficiente
para continuar.

Esse continuar
não é gesto,
nem impulso:
é a maneira
como a existência
se deposita
sobre si mesma.

Cada camada
reúne
os contornos antigos,

não para lembrá-los,
mas para ampliar
a presença
que eles deixaram.

Assim,
o resto cresce
em direção interna,

ocupando
o campo inteiro
com o calor fraco
das passagens guardadas.

O que permanece
não aguarda fim,
nem início:
respira
no tempo largo
de sua própria
consistência.

E é nesse respirar
que o mundo
se sustém:

um corpo vasto,
feito de vibrações cansadas,
que ainda encontram,
uma a uma,
o espaço exato
para durar.

O último estado
é este:

a permanência
aberta
do que ficou.

Apêndice

A Ontologia dos Restos:

TRATADO SOBRE A PRIMARIEDADE DOS RESTOS

Introdução

O RESTO COMO CATEGORIA ONTOLÓGICA FUNDANTE

Esta obra não propõe uma poética entre outras. Propõe uma inversão radical do olhar sobre o real: tudo o que existe é resto, e o resto não é consequência, mas condição originária. O que aqui se desenvolve não é uma metáfora, mas uma ontologia material – uma descrição do mundo a partir do que persiste depois que todo gesto cessa, todo impulso se extingue, toda forma se desfaz. O resto, longe de ser o que sobra do ser, é o modo primeiro pelo qual o ser se apresenta: uma vibração herdada, uma espessura acumulada, uma claridade prolongada. Este tratado explicita os fundamentos dessa visão, seus desdobramentos fenomenológicos, seus diálogos críticos com a tradição filosófica e suas implicações para o pensamento contemporâneo.

OS CINCO PILARES

PRIMARIEDADE DOS RESTOS

A ontologia tradicional funda-se na origem, no princípio, no ato inaugural. A ontologia dos restos recusa essa hierarquia temporal. Aqui, o que vem “depois” é, na verdade, o que sempre já estava lá: a matéria que precede qualquer narrativa de surgimento. Toda aparição carrega consigo o vestígio de um excesso anterior que a atravessou. Não há, portanto, origem pura; há apenas a vibração primeira de algo que já era resto antes de ser nomeado. A primariedade implica uma desconstrução da noção de começo: o mundo não começa; ele continua. E continua como resto.

INCOMPLETUDE CONSTITUTIVA

A incompletude não é aqui entendida como falta, carência ou imperfeição. É, antes, o modo próprio de consistência da matéria que permanece. O que é completo se encerra, fecha-se, morre. O resto, ao contrário, permanece aberto – não por um *déficit*, mas por uma capacidade de acolhimento do que ainda vibra, do que ainda dura, do que ainda insiste. Superfícies inconclusas, camadas instáveis, estruturas parciais: todas são formas de uma positividade do inacabado. A incompletude é, assim, a condição de possibilidade da permanência.

DURAÇÃO EXPANDIDA

O tempo do resto não é linear, nem cíclico; é um tempo que se deposita, se adensa, se espalha em profundidade. É a duração como matéria acumulada: o instante que não passa, mas que se expande para dentro, criando camadas de temporalidade sobreposta. O resto é a memória física do tempo – não a lembrança, mas o corpo temporal que persiste depois do acontecimento. Essa duração expandida não avança; ela aprofunda-se, como um rio que, em vez de correr, infiltra-se no solo.

RETORNO FRACO (REFLUXO)

O retorno, nesta ontologia, não é repetição, nem eterno retorno, nem reminiscência. É o refluxo de uma força extinta que reencontra, no interior da matéria, o trajeto de sua própria passagem. Esse retorno é fraco – não porque seja incapaz, mas porque opera em baixa intensidade, sem a violência do gesto inaugural. Ele não reproduz; ele reacende a vibração herdada, aprofundando-a, dobrando-a sobre si mesma. O retorno fraco é a respiração lenta do que ficou, o pulso que ainda bate no silêncio da matéria.

MEMÓRIA MATERIAL

Aqui, a memória não é função psíquica, nem narrativa histórica, nem arquivo simbólico. A memória é matéria – camadas físicas que guardam a inscrição dos gestos que as atravessaram. Cada superfície é um palimpsesto de passagens; cada espessura, um registro denso de impactos. A memória material não recorda; ela conserva. Ela não

representa; ela apresenta, na própria textura do mundo, a presença prolongada do que já se foi. O resto é, nesse sentido, o corpo da memória – uma memória que não esquece porque se tornou coisa.

ONTOLOGIA DOS RESTOS E A TRADIÇÃO FILOSÓFICA

A Ontologia dos Restos não surge no vazio. Ela se constrói em tensão produtiva com linhagens do pensamento ocidental, afirmando suas diferenças radicais.

— Com a metafísica da presença: Enquanto a tradição que vai de Platão a Husserl busca o ser na presença plena, na evidência, na intuição originária, a ontologia dos restos localiza o ser precisamente no que permanece depois que a presença se retira. O ser não está no que brilha, mas no que continua a brilhar fracamente depois que a luz principal se apaga.

— Com a filosofia da diferença (Derrida): Embora compartilhe com Derrida a desconfiança em relação à presença plena, a ontologia dos restos recusa a ideia de que o traço seja apenas efeito de *différance* no jogo significante. Aqui, o traço é material, físico, espesso. Ele não remete a uma ausência; ele é a presença que permanece de uma força extinta. Não estamos no regime do signo, mas no regime da matéria que guarda.

— Com o realismo especulativo (Harman): A afinidade reside na recusa da correlacionalidade e na atenção à opacidade dos objetos. Porém, enquanto Harman postula objetos retirados de todo acesso, a ontologia dos restos postula objetos que são, eles mesmos, o resultado de um

retirar-se: o que se retira é o acontecimento, deixando para trás o objeto como resto. A profundidade não está no objeto inacessível, mas no acúmulo de camadas que o constituem.

— Com a fenomenologia material (Bachelard, Merleau-Ponty): A fenomenologia clássica busca descrever a experiência consciente do mundo. A ontologia dos restos desloca o foco: não descreve a experiência do resto, mas descreve o resto como experiência – como o modo pelo qual o mundo se dá quando a consciência não está mais presente para testemunhar o gesto originário. É uma fenomenologia do pós-acontecimento, do mundo depois da consciência.

— Com a física contemporânea e a teoria da entropia: A segunda lei da termodinâmica fala da dissipação de energia, da tendência à desordem. A ontologia dos restos observa que, mesmo na dissipação, algo persiste – não como energia útil, mas como calor, como vibração mínima, como ordem fraca que insiste na desordem. O resto é a contra-assinatura da entropia: mesmo no esgotamento, há permanência.

UMA ESTÉTICA DO FRACO

Se a ontologia dos restos descreve o ser como aquilo que permanece, sua fenomenologia correspondente descreve a aparição do ser como fenômeno fraco. O fraco não é o invisível, nem o imperceptível; é o que se dá com modéstia, com baixa intensidade, sem exigir atenção. A claridade rasa, o quase-som, a tensão rala, a luminosidade fraca – todos são modos de aparição que não impõem, mas insistem. Esta

estética do fraco implica uma reeducação do olhar: aprender a ver não o que brilha, mas o que continua a brilhar depois; não o que se move, mas o que ainda treme depois do movimento.

A percepção exige uma atenção flutuante, uma paciência fenomenológica que deixe o fenômeno se apresentar em sua lentidão própria. Não se trata de decifrar, mas de deixar-se atravessar pela vibração herdada. O observador ideal desta ontologia não é o sujeito transcendental, mas a superfície receptiva que acolhe, em si mesma, o eco dos gestos extintos.

CONSEQUÊNCIAS ÉTICAS E POLÍTICAS

Uma ontologia não é neutra. Se o ser permanece, então nossa relação com o mundo deve ser repensada.

— Ética da permanência: Se tudo é resto, então nada é descartável. O que parece lixo, sobra, descarte, é, na verdade, o modo primeiro de existir da matéria. Uma ética fundada nessa ontologia seria uma ética do cuidado com o que persiste, com o que insiste, com o que resiste à dissolução.

— Política das camadas: A história não é feita apenas de acontecimentos brilhantes e rupturas violentas. É feita, sobretudo, de camadas de gestos extintos que continuam a vibrar no subsolo do presente. Uma política consciente da ontologia dos restos não buscaria revoluções que apagam o passado, mas transformações que reconhecem e trabalham com as vibrações herdadas.

— Ecologia profunda: Se a memória é material, então a natureza não é cenário, mas arquivo vivo. Cada camada geológica, cada espécie extinta, cada paisagem alterada deixa um resto que continua a atuar. Uma ecologia consequente com esta ontologia seria uma ecologia da escuta das vibrações antigas, do cuidado com as durações acumuladas.

METODOLOGIA

Como investigar o resto? A própria obra literária que este tratado acompanha é um exercício metodológico. A investigação opera por:

- Microscopia fenomenológica: Isolar fenômenos mínimos (uma fenda, uma película, um brilho fraco) e observá-los até que revelem sua condição própria.
- Suspensão da narrativa de origem: Abster-se de perguntar “de onde vem” para perguntar “como permanece”.
- Atenção às intensidades baixas: Treinar a percepção para o quase imperceptível, para o que não chama atenção, para o que persiste em silêncio.
- Acumulação por camadas: Deixar que as observações se sobreponham, criando espessura conceitual, tal como as camadas de tempo se sobrepõem na matéria que permanece.

VOCABULÁRIO FUNDAMENTAL

Para orientar futuras investigações, propõe-se este léxico básico:

- Resto: Estado primário de toda existência; matéria que persiste depois da extinção do gesto que a formou.
- Vibração herdada: Energia que continua a pulsar depois que a fonte cessou.
- Espessura acumulada: Resultado da sobreposição de durações persistentes.
- Claridade fraca: Luminosidade que não ilumina, mas que persiste como memória da luz.
- Retorno fraco: Refluxo não intencional de uma força extinta no interior da matéria.
- Memória material: Inscrição física de passagens no corpo do mundo.
- Fenômeno fraco: Modo de aparição caracterizado pela baixa intensidade e pela persistência.
- Incompletude constitutiva: Abertura necessária que permite ao resto permanecer.

- Duração expandida: Tempo que não passa, mas que se aprofunda, criando camadas.
- Primariedade: Tese central de que o resto não é derivado, mas originário.

GLOSSÁRIO REMISSIVO EXPANDIDO

Este glossário não pretende fixar significados, mas indicar zonas de recorrência, campos de vibração e pontos de condensação da linguagem.

— “Matéria rasa” encontra sua formulação inicial nos primeiros poemas, especialmente onde a superfície se espalha pelo plano mínimo herdado do acontecimento. É ali que a matéria se mostra como corpo primário do resto. “Espessura” retorna ao longo do livro como forma de memória material, visível em camadas que guardam vibrações antigas. Os poemas da Parte I e II dão o primeiro traço desse campo.

— “Suspensão” concentra-se na Parte III. É o estado em que o impulso extinto continua espalhando-se no ar profundo, conservando seu peso e sua duração. O leitor que desejar reconhecer este fenômeno pode voltar aos poemas 19, 20 e 21, onde a suspensão se mostra como forma plena do resto em estabilidade.

— “Refluxo” aparece como retorno material das forças anteriores, principalmente na Parte IV. É uma vibração que se reinscreve na matéria sem finalidade, apenas por consistência. Os poemas 29 a 33 oferecem variações desse movimento.

— “Memória material” tem expressão direta na Parte V. Ela é a camada que guarda, a superfície que recolhe calor antigo, o corpo que registra a passagem extinta. Nos

poemas 39, 41 e 46, a memória se instala como substância, não como lembrança.

– “A luz fraca” constitui uma das regiões mais densas da obra. Ela nasce na Parte VI como claridade herdada, claridade exausta, claridade que se estende por dentro da matéria. Poemas como 49, 50, 51, 52 e 57 mostram a variedade dessa cintilação mínima.

– “Últimos restos” correspondem à zona final da matéria, onde a duração chega ao máximo de sua densidade. Nos poemas 59 a 68, o resto encontra sua profundidade mais firme, sua permanência mais ampla. É ali que se consolidam os fundamentos da Ontologia dos Restos.

Quando o leitor desejar percorrer novamente essas regiões, cada termo funcionará como entrada para um conjunto de vibrações, não para um conceito fechado. A obra inteira opera nesse regime: cruzamentos, persistências, camadas, contornos, luminosidades que se aproximam e se distanciam. O glossário apenas aponta caminhos possíveis. A experiência do resto permanece livre.

GUIA DE PERCEPÇÃO

Perceber o resto exige uma mudança delicada na forma de olhar. Não se trata de buscar o que falta, nem de reconstruir o que se perdeu. O resto jamais se anuncia pela ausência, mas pela presença firme e discreta de uma duração que já não pertence ao instante. Ele surge quando a matéria revela a vibração que recebeu de um acontecimento extinto e que, mesmo extinto, continua a respirar dentro dela.

O resto não é a ruína. A ruína depende do passado; o resto depende da permanência. A ruína aponta para o que caiu; o resto aponta para o que ficou. Quando se aproxima a percepção dessa diferença, torna-se possível reconhecer que certas presenças, aparentemente quietas, carregam um calor que não vem do presente, uma espessura que não pertence ao agora, uma claridade que já não tem fonte. É essa vida fraca e contínua que marca o resto.

Há momentos em que a superfície guarda uma vibração antiga, quando a luz se espalha além de seu impulso inicial, quando uma camada se adensa pela memória de uma força que já não age. Nada disso é evocação, nada é lembrança voluntária. Trata-se da memória material, uma memória sem sujeito, sem narrativa, sem interioridade, que apenas se deposita. A matéria recorda porque foi atravessada. Recorda porque recebeu. Recorda porque

encontrou, em sua própria espessura, um lugar para durar.

Em certas áreas da física teórica, diz-se que o universo é, ainda hoje, o ressoar de um acontecimento inicial que terminou há bilhões de anos. Tudo o que vemos seria a expansão contínua da energia que sobrou do primeiro impulso. Essa leitura não transforma o cosmos em metáfora; antes, revela que a estrutura profunda da realidade se comporta como um resto: vibrações antigas que se estendem, camadas que se formam pela dissipação, luz que continua a circular porque encontrou espaço para durar. O universo inteiro pode ser entendido como a matéria persistente de um gesto extinto, um corpo vasto no qual o acontecimento inicial se converteu em permanência. Ver dessa maneira não é aplicar ciência ao poema, mas perceber que ambos se aproximam do mesmo fato fundamental: aquilo que existe não é o princípio, mas o que permaneceu dele.

O gesto, quando cessa, deixa um campo prolongado. A queda, quando termina, deixa o eco que sustém o fundo. A luz, quando apaga, deixa um círculo que ainda respira. Esses fenômenos não pertencem ao passado; pertencem ao mundo mesmo, que continua expandindo o impacto que recebeu. A percepção dos restos começa quando se aceita que o mundo não responde ao instante, mas ao que ficou impregnado nele.

Assim, ver um resto é ver o mundo pelo seu modo mais persistente. Não é uma técnica, nem uma interpretação, mas um ajuste silencioso da atenção, capaz de reconhecer que cada vibração herdada constitui um corpo. Não se trata de reconstruir o acontecimento, mas de perceber

que sua energia permaneceu. O resto é sempre o que dura mais que a própria causa.

A lente apresentada não busca origem nem finalidade. Ela busca o campo onde a matéria continua, mesmo depois de tudo. Perceber com essa lente é reconhecer que a realidade inteira é feita de remanescências, e que o que chamamos mundo é apenas o modo como o tempo encontrou lugares para permanecer. Os restos são esse lugar: o ponto onde a existência respira o que passou e, ainda assim, continua.

O REGIME QUE JÁ ESTAVA NO MUNDO

A **Ontologia dos Restos** apresenta um modo de presença que se mantém pela continuidade das forças que o atravessaram. Cada camada guarda a energia que recebeu; cada vibração prolonga um gesto anterior; cada espessura confirma a permanência do acontecimento extinto. A matéria oferece o exemplo mais preciso desse regime: tudo o que perdura encontra, em sua própria consistência, o espaço para respirar.

Os conceitos reunidos neste volume formam o contorno dessa presença: primariedade como estado inicial da matéria, incompletude como forma estável, duração como expansão interior do tempo, retorno como reinscrição silenciosa das passagens, memória material como corpo herdado. A poesia acompanha esses movimentos sem interpretar; apenas os observa em seus diferentes estados.

A percepção do resto se estabelece quando o olhar acompanha a continuidade da matéria. O gesto se transforma em traço, o traço em superfície, a superfície em espessura, e a espessura em campo de permanência. Cada parte do mundo revela um modo próprio de guardar o que a formou. Essa guarda não depende de intenção: cresce no interior das formas como consequência natural do tempo depositado.

O real oferece múltiplas formas de permanência. Luzes fracas, superfícies lentas, vibrações herdadas, contornos que respiram por dentro: todos esses estados compõem a presença do resto. O pensamento que acompanha esses fenômenos encontra, na matéria, seu modo mais consistente de articulação. O poema registra o instante dessa articulação; a teoria acompanha sua profundidade.

A forma do resto permanece aberta, e essa abertura sustém o campo inteiro desta obra. Cada leitor que atravessa essas páginas encontra uma possibilidade de percepção: ver o mundo pela continuidade que o sustém. A Ontologia dos Restos se encerra aqui como gesto escrito, mas continua como regime de presença — na matéria, no tempo, nos traços que persistem.

A permanência é o último movimento do existir. E é nela que o livro repousa.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*TM, dedica-se a publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se “*O Legado*”, “*Clown*”, “*Cartas para Ninguém*”, “*Cinza de Bronze*”, “*Diálogos*” e “*Antes que Derrubem*”. Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), retomando a clareza renascentista de Claude Garamont (c. 1480–1561). A escolha desta fonte — firme, contida, sem ornamento — acompanha a matéria da obra: um texto construído por espessuras mínimas, onde cada intervalo tem peso, cada linha respira, cada resto encontra lugar.

A edição digital foi concluída em dezembro de 2025, pela *Ars Verbi*TM, em Lapa, Paraná.

Nenhum adorno foi acrescentado.

Nenhuma forma foi ampliada.

Nenhuma presença foi suavizada.

Tudo aqui segue o princípio que sustém o livro:
a permanência é feita de restos.

